

*Tudo se ilumina
para aquêlê que
busca a luz.*

BEN-ROSH



*... alumia-vos,
e aponta-vos o
caminho*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 840 — PÔRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.DA
Rua da Fábrica, 80
PÔRTO

Os cristãos novos no Pôrto

El-Rei D. Manuel, estando em Muge, decretou, em 5 de Dezembro de 1496, a expulsão dos judeus, os quais sob pena de morte e confisco de bens, deviam abandonar os territórios portugueses até ao fim de Outubro de 1497. Ordenava o decreto que êles podiam sair livremente com tôdas as suas fazendas e El-Rei lhes mandaria pagar quaisquer dívidas que lhes fôssem devidas.

Dizia mais El-Rei que para sua ida lhes daria todo o aviamento e despacho que cumprir.

Um poeta satírico coevo de D. Manuel referindo-se à liberdade de que gozavam os judeus em Portugal, antes do decreto de expulsão, diz:

A terra está
de esnogas bem cheia
e fazem a ceia
dos asmos por cá.
Vereis enfeitados
os sábados todos
vereis de mil modos
capuzes frisados.

Nenhuma má vontade tinha El-Rei D. Manuel contra os judeus e a sua expulsão tinha sido exigida pelos reis católicos de Espanha, em cláusula expressa no contrato de casamento do rei português com a herdeira do trono espanhol.

Satisfazendo o pedido dos sogros, mas vendo os inconvenientes da expulsão, pois não desejava privar o País de súbditos que pelo número, pelas aptidões várias, sobretudo para as artes mecânicas, pela

riqueza que possufam, pelos espíritos ilustrados e subtis que contavam no seu seio, não eram para desprezar sem quebra de importância para a vida da nação, D. Manuel resolveu convertê-los à força ao catolicismo.

No dia 2 de Abril de 1497 El-Rei mandou tirar aos judeus todos os filhos menores de 14 anos para serem baptizados, medida violenta que deu lugar a cenas lancinantes, e pouco depois usou da mesma maneira para com os restantes israelitas.

Samuel Usque descreve essa horrível tragédia da seguinte forma:

“e mandou-lhes ali notificar que êle queria se tornassem todos cristãos e que o devessem fazer por amor, o que fariam ultimamente por força; não bastou estes ameaços para voltarem meus filhos as costas a seu Deus, antes com constância responderam que tal não fariam. Vendo El-Rei que maiores forças eram necessárias para os abalar, entrou em conselho e acordaram apartar dentre os vêlhos os mancebos de até 25 anos.

Como os tiveram divisos fizeram-lhe uma prática de venenosas palavras cobertas de triaga, prometendo-lhes muitos favores no reino se por amor se convertessem...; de maneira que achando-os tão firmes como a seus pais, a êles com grandíssima ira arremeteram aquêles executores, e a uns pelas pernas e braços, e a outros pelos cabelos e pelas barbas arrastando, por força os levaram até dentro às igrejas, e ali lhe deitaram a sua água, e tocando com ela uns e mal alcançando outros, lhe impuse-

ram sôbre isso nomes de cristandade e os meteram em poder de vélhos cristãos para os sujeitar à religião e guarda de sua fé.

Como tiveram esta injusta e violenta obra acabada, tornaram aos pais, que tão angustiados sustinham já a vida que aborreciam, a dar-lhe outro trago mortal, dizendo-lhes que seus filhos se haviam convertido já cristãos e que o devessem êles assim fazer se queriam ter vida em sua companhia; nem a isto os vélhos se abalaram, até que El-Rei lhes mandou tirar o comer e o beber por três dias contínuos, para com a angústia da fome os tentar, o que êles também mui animosamente suportaram; vendo El-Rei que ainda isto não bastava, e que se mais com fome os pensesse pereceriam, determinou usar com êles a violência que havia usado com seus filhos, e arrastando-os pelas pernas, outros pelas barbas e cabelos, dando-lhes punhadas no rosto, e espancando-os, às igrejas, onde lhes deitaram água, os levaram.

De muitos que grandes extremos fizeram por se defender, foi assinalado entre êles, um, o qual fazendo cobrir a seis filhos com seus *thalecioth*, com uma sábia prática esforçando-os a morrer pela lei, um a um, com êles todos ao cabo se matou; e outros, mulher e marido se enforcaram, e aquêles que os quiseram levar a enterrar foram mortos pelos inimigos às lançadas.

Muitos houve que se lançaram em poços, e outros das janelas abaixo se faziam em pedaços, e todos estes corpos israelitas assim mortos os levavam os algozes a queimar ante os olhos de seus irmãos, para maior mêdo e temor de sua crueldade os compreender.

Com esta violência, contra as leis divinas e humanas, ficaram feitos cristãos muitos corpos, mas nunca nas almas lhes tocou mácula, antes sempre tiveram imprimido o sêlo da sua antiga lei."

Referindo-se a estes tristes acontecimentos, Garcia de Resende, escreveu na sua *Miscelânia*.

«Os judeus vi cá tornados
todos num tempo cristãos,
os mouros então lançados
fora do reino passados
e o reino sem pagãos;

vimos sinagogas, mesquitas,
em que sempre eram ditas
e prêgadas heresias,
tornadas em nossos dias
igrejas santas bemditas.»

Nos dias 9, 10 e 11 de Abril de 1506 houve em Lisboa uma matança de cristãos-novos, tendo servido de pretexto uma explicação racional imprudente que um cristão-novo deu acêrca dum pretenso milagre.

Garcia de Resende, testemunha, narra êsse horrível massacre da seguinte forma:

Vi que em Lisboa se alçaram
povo baixo e vilãos
contra os novos cristãos
mais de quatro mil mataram
dos que houveram às mãos.
Uns dêles vivos queimaram
meninos despedaçaram,
fizeram grandes cruezas,
grandes roubos e vilezas
em todos quantos acharam...

Quando tal soube, El-Rei D. Manuel agiu, mandando as suas justiças actuarem. Garcia de Resende, também narra isso em verso:

Estando só a cidade
por morrerem muito nela,
se fêz esta crueldade;
mas El-Rei mandou sôbre ela
com mui grande brevidade.
Muitos foram justicados
quantos acharam culpados
homens baixos e bragantes:
e dois frades observantes
Vimos por isso queimados.
El-Rei teve tanto a mal
a cidade tal fazer,
que o título natural
de nobre e sempre leal
lhe tirou e fêz perder.
Muitos homens castigou
e officios tirou:
.....

O cronista judeu Samuel Usque, também contemporâneo, sôbre êsse massacre diz o seguinte:

«Não bastou havê-los trazido com tanta sem razão e injustiça à sua fé, afastando-os

da lei em que nasceram, mas ainda assim os não deixavam viver quietamente, denotando-os, injuriando-os, abatendo-os e tratando-os com baixeza e desprezo, e isto já o levaram em paciência, se não lhe levantaram aleives e falsos testemunhos para os destruir e arrancar do mundo, prègando os prègadores nos púlpitos, e dizendo os senhores em lugares públicos, e os cidadãos e vilões nas praças, que qualquer fome, peste ou terramoto que vinham à terra era por não serem bons cristãos: e que secretamente judaizavam; assim que alcançando alguns intrínsecos inimigos a vontade do povo quanto inclinada estava em seu dano, acharam aparelho para meterem em efeito seus maus ânimos, entre os quais houve dois frades domínicos, que saíram pela cidade de Lisboa, com crucifixos às costas amotinando o povo, e clamando viessem todos em sua companhia vingar a morte do seu Deus, e com muitos preversos ociosos e gente mecânica que a êles se recolheram, com lanças e espadas nuas em suas mãos arremetendo contra o fraco e desprovido povo dos mal baptizados e novos cristãos mataram quatro mil almas dêles, roubando e usando tôdas aquelas crueldades que em um saque duma cidade se faz, atazalhando os homens, arremessando as criaturas às paredes e desmembrando-as, deshonorando as mulheres e corrompendo as virgens, e sôbre isso tirando-lhes a vida; houve muitas que prenes as lançaram das janelas sôbre as pontas das lanças que já em baixo as estavam esperando, e assim atalhavam o caminho às inocentes criaturas antes que arribassem ao mundo, onde o Céu piedoso as mandava; entre elas se achou uma que, esforçando-a a muita ira e sua honra, a um frade, que a queria forçar, matou com umas facas que o mesmo frade trazia.

Se êste assim terrível mal durara naquele ímpeto acabaram todos os novos cristãos, que na cidade de Lisboa habitavam, mas provendo a misericórdia divina com as justiças da terra, que acudiram, e atrás disso El-Rei que, com diligência, veio a socorro da vila de Abrantes, onde se achava, cessou aquela matança temerosa."

Estas tragédias da conversão forçada dos judeus portugueses e de massacres de cristãos-novos não deixaram vestígios nos

arquivos portucalenses; talvez alguém mais feliz do que eu consiga encontrar algum documento. Estou, até prova em contrário, convencido que a gente laboriosa, rude, mas bondosa do Pôrto evitou todos os excessos.

Encontrei a fôlhas 56 do *Livro de Provisões* (1500 a 1539) uma carta régia de D. Manuel, datada de 12 de Maio de 1506, em que diz ter em serviço não se fazer na cidade do Pôrto prisão sôbre os cristãos-novos como se fêz em Lisboa.

A fôlhas 146 do referido *Livro de Provisões*, do Arquivo Municipal do Pôrto, existe uma carta régia de D. João III ordenando que na cidade do Pôrto se favoreçam os cristãos-novos. A carta é datada de 22 de Dezembro de 1521.

Julgo que a conversão forçada dos judeus portuenses foi, pois, feita sem os sucessos trágicos lisbonenses. Os judeus abandonaram a judiaria do Olival e muitos foram-se estabelecer para a Ribeira por a isso serem forçados.

No Livro 1.º das *Próprias*, do Arquivo Municipal do Pôrto, existe uma carta régia de 4 de Abril de 1534, onde diz que uns mercadores intentam ir para a rua de S. Miguel e El-Rei manda aos seus juízes que oiçam todos os pareceres dos oficiais da Câmara sôbre a mudança de todos os que estiverem arruados nela. Nessa carta se menciona pretenderem os mercadores algibebees, que vendiam roupa feita e usada, da rua de S. Miguel, a construção duma igreja, por aquela rua ser das mais povoadas e nobres da cidade.

Uma carta régia de D. João III, existente no *Livro de Provisões* já citado, a fôlhas 316, faz saber à cidade do Pôrto que proveu para bispo a D. Frei Baltazar Limpo. A carta é datada de 6 de Abril de 1537.

Êste bispo foi solenemente recebido pela cidade, como se verifica por um documento já publicado neste jornal.

O Bispo do Pôrto, pouco depois de tomar posse da sua diocese, interessou-se para que a grande Sinagoga do Pôrto, sita à rua de S. Miguel, na parte dessa rua actualmente chamada de S. Bento da Vitória, fôsse transformada em igreja católica e empregou todos os meios ao seu alcance para êsse fim.

Por documentação apresentada já sabe-

DOS QUATRO CANTOS DA TERRA

França—A Agência Telegráfica Judaica comunicou que tinha recebido um apêlo do Sr. Santeri Jacobson, *maire* de Lauritsala, pedindo a todos os judeus uma ajuda urgente e substancial a favor da Finlândia.

Este apêlo é assinado por um grupo de judeus escandinavos representando a Finlândia, a Suécia, a Noruega e a Dinamarca e insiste sobre o perigo que representaria a expansão soviética.

Roménia—O Congresso da União das Comunidades Judaicas da Roménia elegeu o Dr. Alexandre Safran, Rabi de Bacau, para o cargo de Rabi-mor da Roménia. O novo Rabi-mor nasceu em 1910, na Moldávia; é diplomado pela Universidade e pelo Colégio Rabínico de Viena e pertence à organização sionista tradicionalista MIZRAHI.

Estados Unidos—Numa cerimónia presidida pelo Sr. La Guardia, os representantes da Associação Americana dos Antigos Combatentes Judeus, entregaram ao Vice-Cônsul finlandês, Sr. Carlos Kunsamo, uma ambulância-automóvel equipada, destinada ao exército finlandês.

—No dia 16 de Janeiro, realizou-se a primeira assembleia pública convocada nos Estados Unidos, em honra do Dr. Weiz-

mann. 6.000 pessoas se juntaram no Meca Temple de Nova Iorque. A Jeunião foi presidida pelo Dr. Stephen Wise, Presidente Honorário da Federação Sionista dos Estados Unidos da América e entre os oradores figurou o Sr. La Guardia, Governador de Nova Iorque que, assim como o Governador Lehmann, é Presidente Honorário da Comissão de Recepção Weizmann.

Estados Unidos—O Presidente Roosevelt recebeu em audiência particular o Dr. Haïm Weizmann, Presidente da Agência Judaica da Palestina, tendo sido apresentado por Lord LOTHIAN, embaixador da Grã-Bretanha, em Washington.

Lituânia—O governo lituânio aprovou os Estatutos da Comunidade Judaica de Wilna e reconheceu-a como representante da população judaica desta cidade.

Palestina (Terra de Israel)—Está em Jerusalém o 1.º Alto Comissário Britânico na Palestina, o nosso correligionário Lord Herbert Samuel. Foi recebido pelas mais altas personalidades. Lord Samuel encontra-se ali em viagem de estudos.

—Também chegou a Haifa (Galileia), por via aérea, sua Eminência o Dr. J. Herz, Rabi-mor do Império Britânico.

mos que os judeus da judiaria do Olival haviam sido obrigados a sair desse bairro judaico, constituído pelas actuais ruas de S. Bento da Vitória, S. Miguel, rua da Vitória, rua das Taipas e viela do Ferraz, para a Praça da Ribeira, após a sua conversão forçada ao catolicismo. Não encontrei até agora documentação que me permita afirmar se foram todos ou só parte obrigados a sair deste local.

Apresentei documento que prova que vários mercadores querem ir residir na rua de S. Miguel (actualmente rua de S. Bento da Vitória e rua de S. Miguel), e que esses mercadores em troca dessa licença se pronunciam a construir uma igreja na rua de S. Miguel.

No Livro 1.º das *Próprias do Arquivo Municipal Portuense*, existe a fôlhas 365,

datada de 14 de Janeiro de 1539, uma carta régia de D. João III, confirmando a determinação da Câmara para que os mercadores algibebees, que eram cristãos-novos e velhos, que por outra igual determinação haviam sido mandados estabelecer na Praça da Ribeira, fôssem obrigados os que se recusassem a voltar para a rua de S. Miguel, donde tinham saído, por ser das mais nobres da cidade, principalmente depois da despesa de 3.000 cruzados com a factura da igreja no edificio da sinagoga, e com o calçamento da rua e conserto de casas.

A este assunto da transformação da antiga grande Sinagoga do Pôrto na actual igreja de S. Bento da Vitória, se refere Alexandre Herculano no trecho da sua *História do Estabelecimento da Inquisição*.

ANTÓNIO GRANJO

No dia 19 de Outubro de 1921 foi assassinado em Lisboa o Dr. António Granjo, Presidente de Ministério, antigo deputado e combatente da Grande Guerra, tendo-se batido nas trincheiras da Flandres, no *front* britânico, no posto de Alferes de Infantaria.

António Granjo era descendente de judeus trasmontanos, da aldeia de Carção, concelho de Vimioso, distrito de Bragança, onde ainda existem parentes cripto-judeus, que praticam certos ritos judaicos.

Era uma bela alma e um belo coração.

O jornal de Lisboa *República* publicou, no dia 31 de Março de 1938, um artigo editorial do qual publicamos alguns excertos, pela impossibilidade de o publicar na íntegra, devido ao pouco espaço deste periódico:

António Granjo morreu deixando um rasto de saúde quasi misteriosa: o mistério que envolve as grandes figuras tocadas pela dor. Era um bom e um valente. Mataram-no sem se saber por quê—numa onda de criminosa alucinação. A memória desse homem é-nos particularmente grata. E Granjo foi, até, noutra fase deste jornal, seu director. Queremos aqui arquivar a dedicatória que lhe consagra Aquilino Ribeiro, no seu último livro sobre a vida de «Anastácio da Cunha, o lente penitenciado de Coimbra».

Porque assassinaram este homem medularmente bom? Se quiséssemos organizar o corpo de delicto, em profundidade, para a história, debalde procuraríamos o facto negro, concreto e pessoal, destes que logicamente são o germe ou raiz do crime. Tanto na sua vida privada como pública, agarrar-se-ia fumo. Nunca cometeu nem deixou cometer exacções, violências ou abusos de poder. Longe de ser um Rosas, depois do recontro dava a mão ao inimigo. Perdoava, é certo que sem cálculo nem grandeza. E o seu pecado, mercê do qual se perdeu, foi fechar os olhos à vaga de

interesses inconfessáveis, de ambições desmedidas, de paixões furiosas, que crescia para o poder. Se este é um pecado sem remissão para quem detém o mando, pagou-o caro; foi o republicano imolado à tara comum; foi o bode expiatório, sem proveito nem exemplo, de uma geração de polítics passa-culpas, bêbados com o triunfo pessoal, ensopados de «Direitos do Homem» e de romantismo, sem noção das responsabilidades que assumiam. A sua morte foi perpetrada por uns títeres que na véspera não sabiam que iam assassinar. Suponha-se a mão hedionda de um demiurgo tirando ao acaso de uma chusma de pobres diabos, esfomeados, analfabetos e meio idiotas, como há cá pela terra:— «Dente de Ouro», «Clarim do Carmo», calha-vos a sorte... E os miseráveis, moldados em sordidez, em aspiração abominável e confusa, em fúria e selvajaria, foram. O que espanta não é que a mão horrenda encontrasse agentes para realizar o atroz mandato. O «Dente de Ouro» e o ignóbil «Clarim» que espetou o chanfalho no «bandulho do porco» são compreensíveis, repetimos. Representam a supuração da barbárie humana, para não dizer portuguesa, agitada e movida com arte. E matar para eles foi o acto mais simples deste mundo. Além do frenesi que lhe haviam insuflado, tinham atrás de si a impulsão atávica. Vejam-na pobre, insatisfeita, martirizada, vítima do magnate e do mercador, do rei e do fidalgo, do militar e do eclesiástico, do letrado e do juiz, de quem tem rédea ou vara, e a planta humana é o que para aí se vê, rasteira, débil, sem louvores para a vida. Na hora turva, cada um está apto a arvorar-se em vingador. Vingador de quê e contra quem? Não sabe; não lhe perguntem. Foi por isso que o assassinio de Granjo pareceu mergulhado em indevassável mistério. É mais claro nem uma facada na Mouraria. Este «Dente de Ouro» é representativo. Não há nada que assombre, pois, nestes facínoras empurrados por aquela mesma mão que embaralhou as cartas, jogou poeira ao ar, criou um ambiente de crime, e cujos dedos foram o político sedento de poder, o industrial que tinha veniaga a passar, os empreiteiros de

sarrafusca, o incorrigível partidário do Sr. D. Manuel ou do Sr. D. Duarte Nuno, e não se sabe que entidade subtil, salitrosa, que não deixa rasto, Providência do Mal dentro das pequenas democracias atontadas e petroleiras.

O que assombra é que depois da quarrentena a que o Presidente do Conselho se submeteu durante todo o dia, as autoridades da véspera ou autoridades recém-investidas, os oficiais da conjura ou os oficiais neutros, os políticos que chegavam ao galarim e os que nunca perderam a posição, cabecilhas ou mandões, não roubassem um minuto à intendência, à neutralidade, à cobardia, ao gaudio do triunfo, e deixassem matar aquêlê homem como um viandante numa estrada deserta, sem ninguém lhe acudir! À parte Cunha Leal, que vemos debater-se impotente e afogado na maré de loucura, trepidando de desespêro heróico, os outros escondem-se, somem-se, esgueiram-se, passam à sucapa, relampejam ao longe, chegam tarde. Ratazanas, vermes, sombras, espectros. Êsses oficiais de marinha, todos ou quási todos, onde se meteram? Não acabam de sair das alfurjas os revolucionários civis? Os colegas, ontem tão poderosos, não têm modo de chamá-lo para o seu abrigo? Ninguém de pêso e de rasgo pega daquele homem e o leva quer da Avenida Miguel Bombarda, quer do Arsenal, o oratório de condenado à morte do Arsenal. Porque se esvaem, nunca mais vêm, não querem saber, antepõem outros cuidados, ou chegam tarde e a más horas...? Por isto, porque não há uma direcção em Portugal. Há uma classe dirigente, mas bizantina. Na hora de crise, mentores, chefes, capitaneadores fundem-se na multidão gregária de que são reses.

O drama é tecido com tôdas estas fatalidades. Na nossa pobre vida humana, dentro do curso que nos leva, cada um é responsável pelo modo como braceja, sem dúvida; as reacções do indivíduo há, porém, que observá-las dentro do corpo social para compreendê-las. A tragédia de 1921 fêz patentear a falta de alma na sociedade portuguesa, que é como a luz numa casa. Como se explicaria, não sendo assim êste matar às-cegas?

António Granjo, soldado garboso da Flandres e de Trás-os-Montes, amassador de ideal, devoto da liberdade, homem de

bem e de boa fé, desprovido de invejas e de rancores, que sabia ler nos olhos do seu amigo, aparece nos meus sonhos, imenso, pavoroso, ensangüentado. Creio que é pecha comum em certa altura da vida começar-se a ter horror da acção e invencível tendência para sonhar. Sonhar acordado que é uma forma de catalepsia espiritual. O pensamento à sôlta vai por estranhas veredas até regiões absurdas em que, ao dar-se conta, acabamos por nos sentir entontecidos quando não escandalizados.

Senão a tôda a gente, a mim succede-me sonhar assim. Nesses sonhos ocupa-se-me o entendimento com cousas que podiam ter sido e não foram por um triz, com o desvio que o deslize fluvial da existência sofreu desta ou daquela nonada, com os pecados vélhos, com os sêres que me foram queridos e já não são dêste mundo. E vejo-me muitas vezes, como o divino Laércida, descer pela «avenida dos altos ciprestes e salgueiros bravos à mansão escura de Aides». E também avança para mim, condensando-se sua sombra vaporosa na neblina baça, a multidão dos defuntos. Vem primeiro meu pai, com branco sorriso no rosto amaciado e lágrimas amantíssimas nos olhos; logo após, uma face ebúrnea de amada: a vélha tia que me contava histórias de pasmar e que deu protoplasma à minha psique de escritor. Depois outras figuras de segundo plano discorrem filmaticamente na minha retina subjectiva. E entre elas eis que avança, carão largo, leal, género do marchante cuja palavra era ouro, António Granjo. Falam-me e eu ouço-lhes as vozes aladas, circunstanciais, de uma suavidade de cetim, que não fazem mais ruído que pétalas de rosa desfolhando-se da roseira para o relvedo. E António Granjo chora sôbre si e nós todos. Ao pobre grande homem, pelo que foi, pela morte que padeceu, pelo juízo recto que lhe mereci, quero consagrar êste modesto livro em que perpassa outra figura do povo, grande, trágica, e batida pela flama que jamais se apaga.

**ÊSTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA**

Judeus que se batem na frente ocidental

Do *Echo de Alger*:

—A cidade de Tlemeen é feliz de ter actualmente dentro das suas barreiras o seu primeiro condecorado com a nova Cruz de Guerra, o jovem Cláudio Gueyger, filho de madame Gaston Abucaya. Louvado em ordem do seu regimento de Infantaria por brilhantes acções na frente do Moselle, este jovem 1.º cabo conta apenas 20 anos.

Do *Lorrain Republicain*:

—É com o maior prazer que soubemos que a Cruz de Guerra com louvor foi concedida ao alferes Edgar Levy, comandante de companhia em certa parte do *front*.

O Sr. Edgar Levy, Secretário Geral da União das Sociedades de Educação Física e de Preparação para o serviço militar e membro do Comité de numerosas sociedades desportivas de Metz e da região, encontrará aqui as felicitações de todos os desportistas, que lhe consagram a sua estima e a sua simpatia.

Comunidade Israelita do Porto

(Kahal Kadosh Mekor Haim)

Mapa das Receitas e Despesas do ano de 1938

RECEITAS		DESPESAS	
Quotizações e donativos	3.186\$90	1.ª Secção — Culto :	
Subsídio do Portuguese Maranos Committee	11.000\$00	Morim (preceptores)	8.583\$00
Donativos do Portuguese Maranos Committee para a inauguração da Sinagoga	9.027\$50	Despesas diversas	996\$80
The David S. Schellim Charity	1.100\$00	Matsah (pão ázimo)	415\$80
Donativos para o Fundo do Cemitério	2.172\$40	2.ª Secção — Instrução :	
Venda de Matsah (pão ázimo)	403\$00	\$
Serviços litúrgicos pagos	75\$00	3.ª Secção — Patronato dos trabalhadores :	
		Assistência financeira	668\$00
		Vestuário	43\$20
		Alimentação	150\$00
		Impressos	40\$00
		4.ª Secção — Signo Vermelho (Maghen Adom) :	
		Assistência clínica e medicamentos	1.210\$50
		Impressos	50\$00
		Despesas gerais :	
		Água e luz	1.488\$30
		Servente e guarda-nocturno	677\$50
		Diversas despesas	169\$20
		Despesas especiais :	
		Mobiliário e utensílios	5.479\$90
		Despesas da inauguração da Sinagoga	2.666\$05
		Reparações no edifício	214\$00
		Pagamento dum empréstimo feito em Dezembro de 1937	1.172\$40
		Seguros	227\$20
		Subsídio à Comunidade da Covilhã	500\$00
			24.781\$85
		Saldo para 1939	2.182\$95
			26.914\$80
	26.914\$80		

Explicação do saldo

Pôrto, 31 de Dezembro de 1939.

Fundo do Cemitério	2.172\$40
Fundo geral	10\$55
Total	2.182\$95

O MAHAMAD.

Comunidade Israelita do Porto

(Kahal Kadosh Mekor Haim)

Mapa das Receitas e Despesas do ano de 1939

RECEITAS		DESPESAS	
Saldo do antecedente:		1.ª Secção - Culto:	
5.ª Secção - (H'ebrah Kadishah) <i>Repouso eterno</i>		Morim (preceptores)	8.504\$00
Fundo do cemitério	2.172\$40	Compra de Matsah (pão ázimo)	508\$45
Juros deste fundo	22\$30	Diversas despesas	93\$80
Fundo geral	10\$55	2.ª Secção - Instrução:	
Subsídio do Portuguese Maranos Committee de Londres	11.000\$00	Artigos escolares, impressos, etc.	181\$15
1.ª Secção - Culto:		Viagem de instrução por um Moreh	103\$30
Venda de Matsah (pão ázimo)	512\$30	Gratificações escolares a Morim	120\$00
Quotizações e donativos	3.059\$05	3.ª Secção - Patronato dos trabalhadores:	
		Assistência financeira a vários	869\$00
		4.ª Secção - Signo vermelho:	
		Assistência clínica e medicamentos	531\$00
		Despesas gerais:	
		Água e luz	751\$30
		Servente e guarda-nocturno	882\$50
		Diversas despesas	185\$75
		Despesas especiais:	
		Mobiliário e utensílios	1.050\$00
		Reparações no edifício	876\$40
		Seguros	227\$40
			14.834\$65
		Saldo para 1940	2.441\$95
	16.776\$60		16.776\$60

Explicação do Saldo

Pôrto, 31 de Dezembro de 1939.

Fundo do Cemitério	2.194\$70
Fundo geral	247\$25
Total	2.441\$95

O MAHAMAD.

Comunidade Israelita de Bragança

Mapa das Receitas e Despesas do ano de 1939

RECEITAS		DESPESAS	
Saldo da Gerência do ano findo	5.717\$34	Expediente e Culto	826\$10
Juros de capitais	500\$00	Água consumida	118\$30
Ofertas diversas	10\$00	Limpeza	300\$00
		Luz consumida	49\$30
		Renda de casa	1.800\$00
		Livros para a Biblioteca	95\$00
Total	6.227\$34	Total	2.688\$20

Bragança e Secretaria da Comunidade Israelita, aos 31 de Dezembro de 1939.

O encarregado da Escrita,
F. H. GORGUEIRA.O Secretário,
JOÃO ANTÓNIO COSTA.